

Considerações finais

Mostramos, ao longo do primeiro capítulo, a preocupação fundamental de Heidegger para com a questão do ser: o ser esquecido na época da metafísica e na época da realização da metafísica como técnica. Nosso objetivo foi o de apresentar uma “vista panorâmica” que nos permitisse dizer que tanto em *Ser e tempo* quanto nos escritos posteriores, há elementos teóricos que nos fazem pressentir a possibilidade de uma nova ética.

Demonstramos que, na primeira fase, a questão do ser foi explicitada a partir do tempo do existir humano, o tempo originário que orientou o propósito de “desconstrução” da ontologia tradicional que, com a predominância do conhecimento do ente enquanto ente, do presente como experiência primordial, instalou em seu seio o esquecimento do ser.

Tentamos vislumbrar já aí o que foi desenvolvido de modo mais detido no terceiro capítulo: a possibilidade de pensar uma ética na analítica existencial. Deixamos ver que o *Dasein*, por sua *compreensão do ser*, é o único ente a colocar originariamente a pergunta pelo sentido do ser. Tendo a temporalidade como constituição fundamental

orientada primordialmente pelo seu futuro, o ser-aí põe em questão a rigidez dos conceitos prontos da metafísica (o tempo como o “presente”, o ser como “presença constante”), aparecendo como o ente que, *morando na transcendência*, é um ente finito: o ser-aí é tempo, sua compreensão do ser é finita, o próprio ser é finito.

Apontamos ainda, as “ressonâncias” de uma ética, igualmente originária, encontrada no Segundo Heidegger. A pergunta pelo ser, agora reformulada em termos de sua *Verdade epocal*, permitiu pensar o seu esquecimento como um *caráter historial* do próprio ser e da própria história da humanidade. Tematizado à luz da *diferença ontológica*, o ser à época da metafísica é pensado como *Alétheia*. A sua finitude está no seu velar-desvelar. O ser dá-se enquanto se retrai. A ética neste momento de atualização da metafísica, consiste em o homem *morar na acontecência*, *correspondendo* ao apelo do ser, resguardando-se do perigo de se transformar, dadas as objetividades realizáveis metafisicamente nas relações técnicas, ele mesmo em mero objeto. A poesia e a arte são as formas mais originárias de “resguardar-se”.

Finalizamos demonstrando que a pergunta fundamental “qual o sentido do ser?”, diferentemente da pergunta condutora da metafísica “o que é o ente?”, torna descabida toda e qualquer busca por “porquês”, por “causas eficientes”.

No segundo capítulo, vimos que, com a “desconstrução” do princípio de fundamento e com ele, a das noções tradicionais de verdade e de liberdade, Heidegger mostrou que o ser-aí é, ele mesmo, em sua transcendência finita, o “fundamento primordial”, mas como fundamento sem-fundo, fundamento nulo porque é sempre já ultrapassado pela possibilidade de não-mais-ser-aí. Na transcendência, livre para fundar, o ser-aí é um ente finito em seu poder-ser. É por ser projeto-lançado no mundo, envolvido com as realizações “mundanas”, que ele dá razão às coisas; é o “espaço ontológico” em que os entes são legitimados.

No terceiro capítulo, demonstramos que a ética da finitude, encontrada na analítica existencial, é ligada a uma hermenêutica do ser-aí. Com isso, indicamos uma radical diferença em relação às éticas ôntico-metafísicas: a “teoria do existir humano” está fundamentada na compreensão da noção de finitude que há em *Ser e tempo*: a finitude do ser-aí e do ser. Vimos que o ser-aí, como um ente distinto dos

demais, *tem-que* realizar o seu ser, mas só pode assumir o seu poder-ser próprio, quando se “dispõe” a ouvir a voz da *consciência da culpa* que nada mais é do que uma “abertura originária” da possibilidade mais extrema, o seu ser-para-a-morte. É só estando *aberto* ao apelo de seu *ser-culpado* que o ser-aí poderá se responsabilizar por sua existência, como também sentir-se “responsável por” outros.

Enfim, mostramos que a ética que o horizonte de *Ser e tempo* permite pensar é uma ética do *morar no mundo-projeto, morar na transcendência*, no entre o ser e o ente, longe dos poderes “nadificantes” da razão, perto de sua possibilidade mais essencial, mais própria, mais certa: a de ser-para-a-morte. *Agir* em *Ser e tempo* é um *agir* fora dos determinismos de uma razão suficiente, diz de um *ter-que-ser* uma escolha escolhida na angústia: existir como “fissura ontológica”³⁴⁶: ser e não-mais-ser-aí, isto significa, responder à diferença ontológica.

A “Ética” que Heidegger não escreveu, bem disse Nunes, *já estava escrita e inscrita ao longo do desenvolvimento da questão do ser*, na pergunta que teima em aparecer nas entrelinhas da questão do ser: é a pergunta pelo “cuidar dos princípios de cuidar do existir humano”³⁴⁷. Trata-se de “(...) meditar, e cuidar para que o homem seja humano e não des-humano, inumano, isto é, situado fora de sua essência”³⁴⁸. Entretanto, não estamos, com isto, dizendo que é uma “ética alternativa”, no sentido de propor um modo “melhor” de viver. Ela não está preocupada com nossas “privações ônticas”, não dá solução para os sofrimentos, para os males do mundo; se este fosse o caso, estaria, podemos dizer, “concorrendo” com as éticas metafísicas. E, diga-se de passagem, sua “concorrência” não seria lá muito forte. Estamos acostumados a obter respostas rápidas e o que queremos à luz de uma razão suficiente, é buscar diminuir nossas dores e prolongar nossos prazeres. “Estamos na época da *urgência (Not)* absoluta da suficiência (*Notlosigkeit*)”³⁴⁹.

³⁴⁶ LOPARIC, Z. *Ética e Finitude*. p. 61.

³⁴⁷ LOPARIC, Z. *Ética da Finitude*. In: OLIVEIRA, Manfredo de A.. *Correntes Fundamentais da Ética Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 71.

³⁴⁸ HEIDEGGER, M. *Sobre o Humanismo*. p. 350.

³⁴⁹ LOPARIC, Z. *Ética e Finitude*. p. 94.

Entretanto, isto nunca esteve presente nos planos de Heidegger. Como afirma Loparic, “(...) a ética heideggeriana não oferece novos princípios do tipo acional; ela questiona a própria idéia de tratarmos, universalmente, sistematicamente, a nossa dor como se fosse uma dor intramundana a ser eliminada por esse ou aquele procedimento racional (...)”³⁵⁰.

Assim, a ética que vislumbramos no interior do pensamento de *Ser e tempo* tem outras motivações, contrárias às das éticas tradicionais: à da *felicidade* (ética dos antigos), à do *dever* (ética moderna) e também à da “autenticidade” (ética contemporânea), de um si-mesmo à procura de um “estilo de vida” próprio oferecido a partir das práticas terapêuticas da psicologia e da psicanálise e de outras práticas alternativas. No entanto, é preciso dizer, Heidegger não é contra as éticas tradicionais. Não podemos conviver sem elas. Também não nega a importância dos recursos técnicos, dos progressos da vida moderna. O que não podemos, é eleger a razão como *único sentido possível de ser dos entes*, ou seja, *há de se manter um espaço em que a objetividade inevitável, não se torne para nós ontologicamente inevitável*³⁵¹.

Entre os estudiosos da filosofia heideggeriana, há aqueles que se posicionam absolutamente contra qualquer viabilidade de uma ética em Heidegger; há outros que acreditam ser possível pensar uma dimensão ética nos textos heideggerianos, embora ela possua limites imprecisos, argumentos falíveis, insuficientes e mesmo não aceitáveis. Há ainda outros que defendem a possibilidade da existência de uma ética e trabalham, cada um a seu modo, para explicitá-la³⁵², como é o caso de Loparic e de tantos outros que citamos no curso de nosso trabalho. Até aqui, o número deles é crescente.

Ao nosso ver, acreditamos ter ficado clara a nossa posição. Há uma dimensão ética em Heidegger: uma *ética originária* ou da *fini-*

³⁵⁰ LOPARIC, Z. “Ética da Finitude”. In: *Correntes Fundamentais da Ética Contemporânea*. p. 71 e 72.

³⁵¹ Cf. *Id. ibid.* p.72.

³⁵² Cf. LOPARIC, Z. “Ética da Finitude”. In: *Correntes Fundamentais da Ética Contemporânea*. p.75. Ver também OSONGO-LUKADI, Antoine-Dover, *La Philosophie Pratique à l'époque de l'ontologie Fondamentale*. p. 258.

tude ou da *precariedade*, uma ética do *habitar na transcendência* ou do *habitar na acontecência*, uma ética da *Correspondência* ou *Destinamental* ou *pós-metafísica*, seja como for, lida em *Ser e tempo* ou nos últimos escritos, trata-se de uma ética destituída de fundamentos últimos que possam servir de imperativos transcendentais que balizem moralmente ou cognitivamente o comportamento humano. Diríamos mais: que o elemento ético presente não só em *Ser e tempo*, mas que percorre toda a obra, é que torna inútil pensar uma ética à maneira metafísica. O próprio nome “Ética” é desnecessário para afirmar e nomear essa “Ética”. Arriscamo-nos a dizer que não nomeá-la é até necessário para *guardá-la em sua essência, conservá-la em seu elemento*³⁵³.

³⁵³ Na carta *Sobre o Humanismo*, Heidegger comenta o perigo que certas expressões impõem. Nesse texto, ele se refere à palavra “humanismo” (quando Beaufret lhe pergunta “como conservar a palavra ‘*Humanisme*’?”), mas aqui também menciona os nomes ética, lógica e física. O perigo é o de “esvaziamento da linguagem” ao “cair na opinião pública”. Diz ele: “O esvaziamento da linguagem, que grassa em toda parte e rapidamente, não corrói apenas a responsabilidade estética e moral em qualquer uso da linguagem. Ela provém de uma ameaça à essência do homem”. HEIDEGGER, M. *Sobre o Humanismo*. 349.

